

# Excedentes do “mundo líquido”

Em seu último livro, Zygmunt Bauman analisa o fenômeno da migração à luz do discurso ético

**IRACEMA SALES**

Repórter

Com coragem, ousadia, lucidez e clarividência, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925 - 2017), construiu sua vasta obra. Sem medo de transitar por diversas áreas do conhecimento, tampouco se antecipar à análise de temas atuais, dispensou a zona confortável do chamado distanciamento histórico, para fazer suas reflexões. Nas mais de 30 obras publicadas no Brasil, enfocou desde relações afetivas, passando pela crítica à modernidade – projeto que defendia continuar sendo aperfeiçoado no contexto da sociedade contemporânea –, Bauman despediu-se do “mundo líquido moderno”, em janeiro deste ano,

deixando o livro “Estranhos à nossa porta”.

Em reflexão breve, porém bem fundamentada, e fugindo do discurso acadêmico esnobe, Bauman enfia o dedo na ferida do fenômeno da migração, localizando-o entre a “mixofobia”, pavor do desconhecido, e a “mixofilia”, atração pelo desconhecido, sentimentos característicos da modernidade, que se desenvolveu no contexto urbano, lugar de conflitos e encontros. “Como viver em paz num planeta congestionado, que está atingindo o limite de sua capacidade de ocupação?”, provoca, admitindo não existirem mais terras livres para a colonização.

O desafio é como viver num mundo “cosmopolitizado e de fronteiras porosas”, daí contestar a atitude de algumas pes-

soas que se arvoram de donos de continentes ou países, fechando e abrindo portões de acordo com suas conveniências. Atualmente, o maior medo dos europeus é com a imigração, pelo receio de ver agravada a vida do “precariado”, pessoas que temem perder as poucas conquistas que ainda possuem. No rosto de cada um desses estranhos, enxergam um concorrente em potencial.

“O que nos falta é uma consciência cosmopolita que se harmonize com nossa condição também cosmopolita”, escreve o autor, lembrando que os movimentos migratórios fazem parte da história da humanidade.

Na obra, dividida em seis capítulos, o autor de “Vidas desperdiçadas” – obra na qual anteviu o dilema europeu – analisa

um dos principais pesadelos a desafiar o mundo pós-colonial, principalmente, a Europa: a migração. Tema tocante ao autor, que sentiu na pele os efeitos de uma diáspora, quando teve de deixar a terra natal, sua amada Polônia, indo buscar refúgio na Inglaterra.

Vítima de perseguição política, assim como os atuais migrantes que fogem da guerra do Oriente Médio, Bauman foi afastado da Universidade de Varsóvia, onde começou a carreira, tendo os livros censurados. Acolhido no território inglês, ensinou na Universidade de Leeds.

Com conhecimento de causa, o festejado pensador esmiuça as diversas nuances do fato, que possui raízes milenares. Não se trata de mais uma invenção da “sociedade líquida”. Constitui

objeto multifacetado, com repercussão nas áreas social, econômica, política, direitos humanos, chegando ao campo da subjetividade.

### Desconstrução

Como se portasse uma lupa, Bauman conseguia ampliar os fenômenos sociais, dando suas impressões, muitas vezes, ácidas e críticas, como faz com o tema em questão. Logo no primeiro capítulo, desconstrói a apropriação que tanto governos de países europeus quanto a mídia fazem da migração.

O autor questiona a gênese da chamada “crise migratória – que aparentemente estaria afundando a Europa e sinalizando o colapso e a dissolução do modo de vida que conhecemos, praticamos e cultivamos”. E prossegue: “essa crise é hoje uma espécie de codinome politicamente correto para a fase atual da eterna batalha dos formadores de opinião pela conquista e subordinação das mentes e dos sentimentos humanos”. Enquanto os noticiários de TV, as manchetes de jornal, discursos políticos e “posts” nas redes sociais – a exemplo da foto do garoto sírio, morto na praia da Turquia, em 2015 viralizou, trazendo à tona a gravidade do problema, gerando um “pânico moral”.

Naquele momento, a imagem do garoto, que se tornou símbolo dessa crise, causou constrangimento mundo afora, já que entrava em cena, uma outra vertente do problema – o aspecto ético. A imagem chamava a atenção de todos para a sua responsabilidade. A reação de alguns chefes de estado foi imediata, a exemplo da chanceler alemã, Angela Merkel, prometendo aco-

**LIVRO**



**Estranhos à nossa porta**  
Zygmunt Bauman  
Tradutor: Carlos Alberto Medeiros

**ZAHAR**  
2016, 120 páginas  
R\$ 44,90/R\$ 33,70 (e-book)

lher uma quantidade ínfima de migrantes.

Atenta para o uso político que governantes fazem do problema dos estrangeiros, acabando por associá-los ao terror. François Hollande aumentou a popularidade após os atentados na França, e presidente dos EUA, Donald Trump, fez da questão dos imigrantes plataforma política de sua campanha. Segue prometendo construir um muro na fronteira com o México.

### Muros da vergonha

Bauman propõe uma reflexão ética, ao fazer referência à “solução final”. Lembra das propostas dos governos do Reino Unido, França, Hungria e EUA de erguerem muros impedindo a circulação das pessoas, que têm amparo legal para buscar refúgio. São seres humanos obrigados a deixar os seus locais de origem, fugindo de guerras, perseguições políticas ou fome.

“É um hábito humano – mui-

to humano – culpar e punir os mensageiros pelo conteúdo odioso da mensagem de que são portadores – nesse caso, das enigmáticas, inescrutáveis, assustadoras e corretamente abominadas forças globais que suspeitamos (com boas razões) serem responsáveis pelo perturbador e humilhante sentido de incerteza existencial que devasta e destrói nossa confiança, ao mesmo tempo que solapa nossas ambições, nossos sonhos e planos de vida”, escreveu.

Essas levas de pessoas que, agora, são recebidas com porta na cara, no tempo do colonialismo do Velho Mundo, eram bem acolhidas, como foi o próprio autor, na Inglaterra. Os muros materiais, feitos de concreto e cercados por arame farpado, com dezenas de metros, se contrapõem à “liquidez” da sociedade atual.

### Fundo do poço

Os migrantes representam o fundo do poço para os europeus, que não suportam mais perder conquistas do estado de bem-estar social que os governos neoliberais minaram, em nome da globalização, gerando um número de excedentes. Como relata em “Vidas desperdiçadas”, muitos europeus que não foram absorvidos pela revolução industrial tecnológica no Velho Mundo, migram para países em desenvolvimento, tornando-se donos dos próprios negócios. O Nordeste é um desses últimos redutos do “capitalismo parasitário”, tema de outro livro de Bauman.

Ao colocar o problema no campo ético-moral, relembra o filósofo judeu Emmanuel Levinas (1905-1995). Defende que a humanidade está em cri-

se – e não existe outra saída para ela senão a solidariedade dos seres humanos. O primeiro passo é tentar romper com a lei do silêncio, seguindo o estilo de que isso não me diz respeito, condenando a indiferença que permeia a questão. O autor também dialoga com Kant e Hannah Arendt a fim de que não vigore a política de Pôncio Pilatos.

“Os governos não estão interessados em aliviar as ansiedades de seus cidadãos”, critica, contribuindo para aumentar o pânico generalizado, fazendo crer que “todos os terroristas são migrantes”, valendo a tese de que “forças estrangeiras não identificadas estão por trás da migração em massa”. Não se trata de cortar o mal pela raiz, como querem alguns governantes europeus, que buscam respaldo na população. Bauman enfatiza que a migração é milenar. Tem raiz na própria história do povo cristão, como relata o Velho Testamento, no livro de Êxodo, a saída do povo hebreu do cativeiro do Egito, vagando 40

anos pelo deserto, em busca da terra prometida.

Hoje, uma nova geração de hebreus continua peregrinando, sendo obrigada a arriscar a vida dentro de embarcações precárias, sofrendo humilhações e sendo extorquidas por coiotes. Na contramão do discurso oficial, Bauman é incisivo: “a migração em massa não é de forma alguma um fenômeno recente. Ele tem acompanhado a era moderna desde seus primórdios (embora com frequência mudando e por vezes revertendo a direção) -, já que nosso ‘modo vida moderno’ inclui a produção de pessoas redundantes...”

Na opinião de Bauman, o que tem acontecido nos últimos dois anos, contudo, é um enorme salto no contingente de refugiados e pessoas em busca de asilo, acrescido ao volume total de migrantes que já batiam às portas da Europa; esse fato foi causado pelo número crescente de Estados “afundando”, ou já submersos, ou – para todos os fins e propósitos – de territórios sem Estado, e portanto também sem leis, palcos de intermináveis guerras tribais e sectárias, assassinatos em massa e de um banditismo permanente do tipo salve-se quem puder”.

## LITERATURA



Refugiados sírios desembarcando na ilha grega de Lesbos. A Grécia se converteu em nova porta de entrada da Europa, para populações acossadas de seus locais de origem e indesejadas por uma parte do Velho Mundo. FOTO: YANNIS BEHRANIS (REUTERS)